

NUMBERS

A RAINHA VERMELHA



CAROLINA REGINATTO

LIVRO TRÊS

NUMBERS

A RAINHA VERMELHA



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023

Copyright © Carolina Reginatto, 2018

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Raquel Escobar

REVISÃO DE TEXTO

Thaís Carrara

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Henrique Morais

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Reginatto, Carolina

Numbers III, a rainha vermelha / Carolina Reginatto. –

1ª edição – São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-84-7

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Fantasia urbana I. Título



Rua Coronel Leme, 43 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12.900-340
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.8020-0810

1

— Os belgas acabaram de anunciar a perda total da cidade de Bruxelas. — A voz grossa de Morino ecoou no salão de convivência, trazendo preocupação e melancolia para todos no recinto. — Mais de cento e cinquenta mil habitantes foram mortos pela explosão na indústria automotiva desativada. Os residentes das cidades de Haren e Laeken foram evacuados por riscos de contaminação e toda sua extensão está em quarentena. A Bélgica está em estado de calamidade, e o rei Philippe exige resultados de nossos planos de ataque e informações sobre a Rainha Vermelha para aplicarem suas forças contra o inimigo.

O silêncio se instalou durante longos cinco minutos, uma forma de respeito às vidas perdidas, levadas por uma tirana.

Morino suspirou alto e cruzou os braços de forma tensa.

Todos os números estavam na sala, junto de seus mentores, e mais Ita, que ouvia a tudo mais ao fundo com os olhos fechados e a cabeça baixa.

Helena mantinha as feições tristes ao imaginar as famílias perdidas, levadas pela crueldade da Rainha Vermelha. Estava sentada na cadeira de rodas, melancólica. Nem mesmo a mão de James sobre seu ombro, apertando-o de forma a confortá-la, ajudou.

Tantas crianças... uma cidade inteira.

— É mais do que claro que ela explodiu o lugar para garantir que não descobríssemos nada, caso invadíssemos. — Mais uma vez a voz de Morino se fez presente, no entanto o silêncio ainda resistia, o que irritou o general. — Estão me ouvindo?!

— Sim, senhor — Elisabeth respondeu com a voz arrastada e as feições pesadas.

— Então respondam. Falem alguma coisa! Porque quero ouvir planos de ataque, e não o silêncio de um velório. — Morino explodiu, socando a parede ao seu lado e arfando fortemente. — Esqueçam o número de pessoas que morreram, esqueçam as mulheres, as crianças, os jovens e os idosos! Eles se foram, acabou. Agora é trabalhar para aquela desgraçada não levar mais ninguém!

A fúria de Morino fez todos os olhares se erguerem em sua direção com um susto, porém logo um fogo invisível começou a assolar a todos. Uma determinação no olhar que a frustração do general conseguiu despertar.

Um misto de raiva, ódio e vontade de vingança.

Uma chama ardente de justiça que nublou a mente de cada um dos números, que olharam-se, cúmplices, com a mesma voracidade e certeza.

— Vamos vingar cada amigo levado e cada alma perdida pela consequência das atrocidades de Kaguyan — Helena disse com firmeza, olhando para Morino.

— Imagino que tenha alguma ideia em mente, senhorita? — ele perguntou, dando um passo à frente para se aproximar da garota.

— Sim — ela anuiu, determinada. — Duran ainda está debilitado, mas assim que ele acordar, irá nos dizer onde são os possíveis esconderijos dela.

— Isso já é o óbvio — ele retrucou, estralando a língua. — Já era para termos essa informação, mas agora temos que esperar.

— Não será necessário, general — uma voz firme ecoou na sala. Todos se viraram para a porta e viram Duran se apoiando na parede com certa dificuldade ao mesmo tempo que empurrava, com a outra mão, o suporte do soro que perfurava sua veia. — Quanto mais esperarmos, mais Kaguyan deixará um rastro de morte e destruição. Ela está irritada por estar cercada de incerteza.

Morino estreitou os olhos, observando o moribundo ser amparado por Dylan, que o auxiliou a se sentar em um dos sofás.

— Não devia estar aqui, Duran. Ainda está debilitado! — Helena ralhou ao mesmo tempo que Alejandra.

A loira olhou para a pupila com a expressão risonha, contudo logo se voltou para o sobrinho, que franzia o cenho, desconfortável com sua locomoção até a sala.

— Ainda está em recuperação, moleque! Nem devia ter cogitado vir até aqui!

— Se não viesse, ninguém entraria no meu quarto para questionar o que queriam. Como sempre, precisei vir até vocês.

— Não seja arrogante, shindeniano — Morino repreendeu-o com um sorriso de canto. Por dentro, estava satisfeito pelo homem grisalho ter aparecido, demonstrando não ser tão fraco assim. — O que tem para nós? Diga o que sabe.

Duran assentiu e desviou o olhar antes de se ajeitar no sofá, tentando encontrar a melhor posição para se acomodar. Ainda estava entorpecido pelos medicamentos e não conseguia controlar direito seus sentidos, fora a visão turva. Todavia, isso não poderia impedi-lo de participar daquela reunião.

— Kaguyan tem três esconderijos — começou, fechando os olhos para tentar controlar a respiração e não forçar muito os pulmões. — Um deles é aquele que vocês invadiram em Bruxelas. O que ela explodiu também era na cidade, mas tenho certeza de que ela retirou todas as cápsulas com os Zekens para não perder seu exército.

— Quando estava presa, você disse que viajaria para Bruxelas e ficaria fora por três dias. Achei que estivéssemos em um esconderijo longe desse outro — Helena comentou e estreitou os olhos ao buscar a recordação.

— Não podia dizer a você nossa localização, querida. Eu estava perto, mas não podia deixar isso claro. Kaguyan estava na base principal, e a outra era a chamada colmeia, onde os Zekens eram produzidos artificialmente para aumentar o número do exército dela.

— Entendo — ela concordou, observando Duran e sua dificuldade em respirar. — Não devia estar aqui, Duran.

— Estou bem, querida. Preciso estar aqui.

Ita cerrou os olhos para analisar a relação afetiva entre a garota e seu antigo companheiro.

— Você disse que Kaguyan está frustrada, confusa... — Dylan se aproximou chamando a atenção do grisalho que até então não o conhecia. — O que quer dizer com isso?

— Tenho certeza de que ela acredita que estou morto — ele respondeu com convicção. — Sei que sou carta fora do baralho, mas ela não tem certeza quanto à morte de Helena — completou, voltando a olhar para a garota, que agora se acomodava no sofá com a ajuda de James, que ajeitava uma almofada em suas costas.

— Imagino o porquê — James comentou, sentando-se ao lado de Helena e dirigindo o olhar para ele. — Ela sabia que o veneno já estava agindo em seu corpo, sabia que não resistiria muito tempo, só que como você fugiu e levou Helena junto...

— Exato. Essa é a maior incerteza dela — Duran concluiu, anuindo. — Helena esteve no esconderijo e sumiu. Ela não poderia correr o risco de continuar naquele lugar, e já que a colmeia não estava mais ativa depois da explosão que causaram, nada mais a segurava lá.

— E onde acha que ela pode estar? — Elisabeth perguntou.

— Existem mais dois lugares certos em que ela pode estar, os dois são colmeias — alertou, vendo todos concordarem. — Um deles é aqui nos Estados Unidos, na cidade de Ohio, o esconderijo é no subterrâneo de uma indústria ativa de produtos químicos; e o segundo é no Brasil, especificamente no Paraná, em uma usina hidrelétrica ativa de Itaipu.

— Por que ela escolheu esses lugares? — William perguntou, confuso.

— Porque os humanos ajudam a camuflar sua acomodação, e, bem... os humanos que trabalham por lá não são mais humanos.

— Não me diga que...

William arregalou os olhos, embasbacado.

— Sim, foram mortos e os Zekens assumiram seus corpos.

— Céus.

Elisabeth levou a mão ao rosto, incomodada.

— É terrível, sei que é, mas o lado bom é que não haverá vítimas lá — Duran disse apenas, no entanto tal comentário irritou a loira.

– Como não? Eram pessoas com famílias e foram mortas dessa forma!
Duran a olhou, enfadado, para logo suspirar.

– Como disse, já se foram – repetiu, sem se importar com os olhares dela. – Isso já faz tempo.

– E você participou dessa matança, eu suponho.

Elisabeth trincou o maxilar ao questionar.

– Beth, por favor... – Chang tentou intervir.

– Por favor o quê, Chang? É apenas uma pergunta simples – ela indagou, voltando o olhar sério para Duran. – E então?

O silêncio se instalou na sala e todos se voltaram para Duran, que se mantinha com o mesmo olhar enfadado, coisa que irritou muito Elisabeth.

– Sabe, loira, em momentos como esse, para nós, soldados, precisamos ser o mais sérios e profissionais possível. O que quer saber de mim é algo desnecessário para o momento e não vai agregar valor nenhum, já que quando tudo isso acabar vou me entregar para a justiça dos meus antigos superiores, sendo eles os Generais Galia e Myrin – respondeu e olhou diretamente nos olhos de Elisabeth, que sentiu o corpo estremecer com a seriedade do homem. – Mas já que insiste tanto, sim... ajudei a matar cada um dos humanos, tanto de Ohio quanto do Paraná.

– A justiça será feita, e você vai pagar por tudo o que fez – ela respondeu com amargor.

O coração de Helena se apertou ao ouvir as palavras frias da companhia.

– Que assim seja. Não tenho nada que me prenda aqui, muito menos vontade de viver depois de tudo – ele retorquiu, voltando o olhar para Morino. – Sei que vai enviar uma equipe hoje mesmo para os locais que disse, e sinto ter a consciência de não poder fazer parte devido ao meu estado. Apenas peço que não hesite em me enviar à próxima missão independentemente de eu estar bem ou não. Eu sou um soldado e quero morrer como um.

Morino anuiu, confirmando, e voltou o olhar para todos.

– Daqui a três horas quero todos no heliporto, vamos montar equipes e partiremos até os lugares indicados com a missão de mapear e estudar o ambiente. Apenas isso – disse, olhando com seriedade para James, que

torceu o nariz, desgostoso. — Não é uma missão de neutralização. Não se esqueçam de que ela tem um exército e, para atacá-la, vamos precisar de nossas forças armadas mais as dos países do congresso que reunimos. Precisaremos da ajuda de todos, então não se arrisquem à toa! Fui claro?

— Sim, senhor! — gritam em uníssono, assentindo.

— Ótimo. Logo mais encontro vocês lá, com exceção de Duran, obviamente... — continuou, olhando de esguelha para o homem grisalho. — E você também, Helena.

— O quê? — ela indagou, inconformada.

— Não vou repetir, muito menos discutir. Olhe só para você! Nem mesmo consegue ficar em pé sozinha! Se for, vai trazer problemas para seus companheiros e será um estorvo para a equipe.

— Estorvo? — ela repetiu baixo, sentindo o peso das palavras dele.

— Não leve a sério. — Ela ouviu James sussurrar. — Mas ele tem razão, não a quero por lá sem estar recuperada de verdade.

Helena baixou o olhar, resignada, e anuiu com um bico.

— Não queria deixar vocês.

— E não vai, será melhor ter você aqui no suporte. — Ele a viu se virar para ele com o olhar confuso. — Você ajudará Tomas.

— Ajudar?

— Sim. Duran disse que os esconderijos são em locais com trabalhos ativos. Se este é o caso, deve ter câmeras espalhadas por lá, e Tomas pode dar um jeito de usar a magia dele para hackear o sistema.

— Certo, e onde eu entro nisso? Só para constar, não sei nada sobre tecnologia.

— Não sabe, mas saberá identificar movimentações estranhas e informar se algo sair de controle, já que não podemos ser vistos. Se Tomas fizer isso, vai atrapalhar, já que, quando nervoso, trava ou se desespera — James explicou e viu um sorriso lindo se formar no rosto da garota.

— Certo! — Helena respondeu, animada em poder ajudar mesmo à distância.

Com um sorriso de canto, ele a abraçou de lado e voltou a prestar atenção em Duran, que iniciou uma explicação de como era a estrutura dos dois esconderijos e como os Zekens trabalhavam.

Todos se mantiveram em silêncio ouvindo tudo com muita atenção, porém Ita se sentiu incomodado por estar ali com tanta gente em um lugar só. Imaginava que não tinha necessidade de ouvir tudo aquilo. Era apenas uma questão de terem cuidado para não serem detectados e pronto, contudo isso não era algo que ele faria.

Seu desejo era ter a sorte de visitar justamente o esconderijo em que Kaguyan estivesse, apenas para ter a oportunidade de matá-la, mesmo que fosse difícil, já que não obtivera sucesso em encontrar a junção das pedras para enfraquecer a Rainha Vermelha.

Sabia que sua decisão era arriscada e poderia colocar tudo a perder, porém nada tiraria isso de sua cabeça. Kaguyan lhe arrancara muito mais do que seu planeta. Ela levava seus pais, amigos, o amor de seu irmão e de seu companheiro de batalha.

Ela precisava pagar por tudo que fizera.

Sem chamar a atenção, ele se desencostou da parede e saiu da sala sem que os outros notassem, a não ser James.

Este olhou de canto para o irmão, que saiu da sala, e estreitou os olhos, estranhando.